



Galera

VENCEDOR DO GOODREADS CHOICE AWARDS 2020  
DE MELHOR ROMANCE

# SANGUE E CINZAS

AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

JENNIFER L.  
ARMENTROUT

JENNIFER L.  
ARMENTROUT

DE  
SANGUE  
E  
CINZAS

*Tradução*  
Flavia de Lavor

1ª edição

— **Galera** —  
RIO DE JANEIRO  
2021

EDITORA-EXECUTIVA  
Rafaella Machado  
COORDENADORA EDITORIAL  
Stella Carneiro  
EQUIPE EDITORIAL  
Juliana de Oliveira  
Isabel Rodrigues  
Manoela Alves  
PREPARAÇÃO  
Aline Vieira

REVISÃO  
Cristina Freixinho  
Alessandra Ramalho  
DIAGRAMAÇÃO  
Abreu's System  
CAPA  
Capa adaptada do design original de Hang Lee  
TÍTULO ORIGINAL  
*From Blood and Ash*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

A76d Armentrout, Jennifer L.

De sangue e cinzas [recurso eletrônico] / Jennifer L. Armentrout ; tradução Flavia de Lavor. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera, 2021.  
recurso digital

Tradução de: From blood and ash

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5981-076-5 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Lavor, Flavia de. II. Título. III. Série.

21-73703

---

CDD: 813  
CDU: 82-31(73)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

Copyright © 2020 by Jennifer L. Armentrout  
Direitos de tradução mediante acordo com Taryn Fagerness Agency e Sandra Bruna  
Agencia Literaria, SL.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil  
adquiridos pela  
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000,  
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

---

Produzido no Brasil



**EDITORA AFILIADA**

ISBN 978-65-5981-076-5

Seja um leitor preferencial Record.  
Cadastre-se no site [www.record.com.br](http://www.record.com.br) e receba informações  
sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
[sac@record.com.br](mailto:sac@record.com.br)

*Para você, o Leitor.*

# Sumário

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Agradecimentos da autora

# Capítulo 1

— Encontraram Finley esta noite, nos arredores da Floresta Sangrenta, morto.

Tirei os olhos das cartas, passando pela superfície pintada de vermelho, e olhei para os três homens sentados à mesa. Tive um motivo para escolher aquele lugar. Eu... não senti nada emanando deles conforme caminhava por entre as mesas lotadas mais cedo.

Nenhuma dor, física ou emocional.

Geralmente, eu não insistia para ver se havia alguém sofrendo. Fazer isso sem motivo me parecia incrivelmente invasivo, porém, no meio de uma multidão era difícil controlar o quanto eu me permitia sentir. Havia sempre alguém cuja dor era tão profunda, tão crua, que a angústia se tornava uma entidade palpável que eu nem precisava aguçar os sentidos para perceber, que não conseguia evitar nem me distanciar. Aquelas pessoas projetavam agonia no mundo à sua volta.

Eu era proibida de fazer qualquer coisa além de ignorar. De falar sobre o dom que os Deuses me concederam e de nunca, jamais, agir a respeito do que senti.

Não que eu sempre fizesse o que deveria.

É óbvio.

Mas aqueles homens estavam bem quando aguicei os sentidos para evitar as pessoas em sofrimento profundo, o que era surpreendente em vista de sua profissão. Eram guardas da Colina, a muralha montanhosa construída a partir do calcário e do ferro minerados dos Picos Elísios. Desde o término da Guerra dos Dois Reis, havia quatro séculos, a Colina cercava todo o território da

Masadônia, e todas as cidades do Reino de Solis foram protegidas por uma Colina. Versões menores rodeavam vilarejos e postos de treinamento, comunidades agrícolas e outras cidades parcamente povoadas.

As coisas que os guardas testemunhavam diariamente, assim como as que eram obrigados a fazer, muitas vezes os deixavam angustiados, fosse pelos ferimentos ou pelo que ultrapassava a pele machucada e os ossos quebrados.

Nesta noite, além da ausência de angústia, eles também não vestiam suas armaduras e uniformes. Em vez disso, usavam camisas folgadas e calças de camurça. Ainda assim, eu sabia que, mesmo fora de serviço, eles se mantinham atentos aos sinais da temida névoa e dos terrores que a acompanhavam, e alertas àqueles que se empenhavam contra o futuro do reino. Permaneciam armados até os dentes.

E eu também.

Oculto sob as dobras da capa e do vestido fino que eu usava por baixo, o punho frio da adaga que nunca esquentava com o calor da minha pele estava embainhado contra a coxa. Presente do meu aniversário de dezesseis anos, aquela não era a única arma que eu tinha, nem era a mais letal, mas era a minha favorita. O punho era forjado com os ossos de um lupino extinto há muito tempo — uma criatura que não era nem homem nem fera, mas ambas as coisas —, e a lâmina era feita com uma pedra de sangue amolada até ficar fatalmente afiada.

Posso estar prestes a fazer algo incrivelmente imprudente, inapropriado e absolutamente proibido mais uma vez, mas não sou tola o bastante para entrar em um lugar como o Pérola Vermelha sem proteção, a habilidade para usá-la e os meios necessários para sacar a arma e empregá-la sem a mínima hesitação.

— Morto? — perguntou o outro guarda, um mais jovem, com cabelos castanho-claros e um rosto simpático. Acho que ele se chamava Airrick, e não podia ser muito mais velho que os meus dezoito anos. — Ele não estava apenas morto. Finley teve o sangue drenado e a pele mastigada como se cães selvagens o tivessem abocanhado e o deixado em pedacinhos.

As cartas ficaram borradas na minha mão conforme diminutas bolas de gelo se formavam no meu estômago. Cães selvagens não faziam isso. Além do mais, não havia nenhum cão selvagem perto da Floresta Sangrenta, o único lugar no mundo onde as árvores sangravam, manchando a casca e as folhas de carmesim. Havia rumores a respeito de outros animais, roedores e carniceiros de tamanho exagerado que atacavam os cadáveres daqueles que permaneciam tempo demais na floresta.

— E vocês sabem o que isso significa — continuou Airrick. — Eles devem estar por perto. Um ataque vai...

— Não tenho certeza se esta é uma conversa apropriada — interrompeu um guarda mais velho. Já ouvi falar dele. Phillips Rathi. Ele estava havia anos na Colina, algo praticamente inédito. Os guardas não tinham uma vida muito longa. Ele acenou com a cabeça na minha direção. — Você está na presença de uma dama.

Uma dama?

Somente as Ascendidas eram chamadas de Damas, mas eu tampouco era o tipo de pessoa que alguém, especialmente os homens naquele recinto, esperaria que estivesse no Pérola Vermelha. Se fosse descoberta, eu estaria... bem, muito mais encrocada do que jamais estive antes, e precisaria encarar sérias consequências.

O tipo de punição que Dorian Teerman, o Duque de Masadônia, adoraria infligir. E que o seu fiel confidente, o Lorde Brandole Mazeen, certamente adoraria presenciar.

A ansiedade veio à tona quando olhei para o guarda de pele negra. Era impossível que Phillips soubesse quem eu era. A parte superior do meu rosto estava coberta pela máscara de dominó branca que encontrei jogada no Jardim da Rainha séculos atrás, e eu vestia uma capa simples de pintarroxo azul que tinha, ãh, pegado *emprestada* de Britta, uma das muitas empregadas do castelo que ouvi falando sobre o Pérola Vermelha. Com sorte, Britta não daria falta do agasalho desaparecido antes que eu o devolvesse pela manhã.

Além disso, mesmo sem a máscara, eu podia contar nos dedos de uma das mãos o número de pessoas na Masadônia que tinham visto o meu rosto, e nenhuma delas estaria ali naquela noite.

Por ser a Donzela, a Escolhida, um véu normalmente cobria o meu rosto e meus cabelos o tempo inteiro, tudo a não ser pelos lábios e maxilar.

Eu duvidava que Phillips pudesse me reconhecer exclusivamente por aqueles traços e, se ele tivesse me reconhecido, ninguém continuaria sentado ali. Eu já estaria sendo levada, ainda que gentilmente, de volta para os meus tutores, o Duque e a Duquesa da Masadônia.

Não havia motivo para entrar em pânico.

Depois de forçar os músculos dos ombros e pescoço a relaxarem, abri um sorriso.

— Não sou nenhuma Dama. Fique à vontade para falar sobre tudo o que quiser.

— Seja como for, um assunto menos mórbido seria mais do que bem-vindo — retrucou Phillips, olhando de modo intenso na direção dos outros dois guardas.

Airrick me encarou.

— Eu peço desculpas.

— Desculpas desnecessárias, mas aceitas.

O terceiro guarda baixou o queixo, olhando atentamente para as cartas na mão enquanto repetia as palavras. Suas bochechas ficaram coradas, o que achei bastante adorável. Os guardas que ficavam de vigia na Colina passavam por um treinamento violento, se tornando habilidosos em todas as formas de combate armado e corpo a corpo. Ninguém que sobrevivia à primeira incursão do lado de fora das muralhas da Colina voltava sem derramar sangue e testemunhar a morte.

Ainda assim, aquele homem corou.

Pigarreei, querendo saber mais a respeito de quem era Finley, se ele era um Guarda da Colina ou um Caçador, uma divisão do exército que transmitia as comunicações entre as cidades e escoltava os viajantes e as suas mercadorias. Eles passavam metade do ano do lado de fora da proteção da Colina. Era de longe o trabalho mais perigoso de todos, de modo que eles jamais viajavam sozinhos. Alguns nunca retornavam.

Infelizmente, alguns poucos não voltavam os mesmos. Eles voltavam com a morte implacável em seu encalço.

### *Amaldiçoados.*

Pressentindo que Phillips silenciaria qualquer conversa a respeito, não fiz nenhuma das perguntas que dançavam na ponta da minha língua. Se havia outros homens com ele que também foram feridos pelo que muito provavelmente tinha matado Finley, eu descobriria de um jeito ou de outro.

Só esperava que não fosse por meio de gritos de horror.

O povo da Masadônia não fazia ideia de quantos voltavam amaldiçoados do lado de fora das muralhas da Colina. Viam apenas alguns gatos pingados, mas não faziam ideia da realidade. Se eles soubessem, o pânico e o medo certamente tomariam conta de uma população que não tinha noção do terror do lado de fora da Colina.

Não como eu e meu irmão Ian tínhamos.

E foi por isso que, quando o assunto à mesa mudou para coisas mais banais, eu tive que me empenhar para fazer com que o gelo que cobria as minhas entranhas derretesse. Vidas incontáveis foram dadas e tiradas nos esforços para manter as pessoas dentro das muralhas da Colina em segurança, mas eles estavam fracassando — havia tempo — não apenas ali, mas por todo o Reino de Solis.

A morte...

A morte *sempre* encontrava uma maneira de entrar.

*Pare*, ordenei a mim mesma conforme a sensação de inquietude ameaçava transbordar. Esse não era o momento para pensar em tudo o que eu sabia e não deveria saber. Esta noite era para ser aproveitada, não para ficar acordada a noite inteira, sem conseguir dormir, sozinha e sentindo que... que não tinha nenhum controle nem... nem ideia de quem eu era, só o *que* eu era.

Recebi outra mão ruim, e já joguei o suficiente com Ian para saber que não havia como me recuperar das cartas que eu tinha. Quando anunciei que estava fora da partida, os guardas assentiram conforme eu me levantava da mesa, me desejando uma boa noite.

Ao caminhar entre as mesas, aceitei a taça de champanhe que um garçom usando luvas me ofereceu e tentei recobrar o entusiasmo que fervilhava nas minhas veias mais cedo nesta mesma noite.

Cuidava da minha própria vida enquanto estudava o aposento, mantendo meus sentidos voltados para mim. Mesmo tirando

aqueles que conseguiam projetar angústia no ambiente à sua volta, eu não precisava tocar em alguém para saber se a pessoa estava sofrendo. Só tinha que olhar para essa pessoa e me concentrar. Sua aparência não mudava se ela estivesse sofrendo com algum tipo de dor nem quando eu me concentrava nela. Eu simplesmente *sentia* a sua angústia.

A dor física era quase sempre quente, mas e o tipo de dor que não podia ser vista?

Essa era quase sempre fria.

Gritos e assovios obscenos me arrancaram dos meus pensamentos. Havia uma mulher vestida de vermelho sentada na beirada da mesa ao lado. Ela usava um vestido feito de pedaços de cetim vermelho e musselina que mal cobria suas coxas. Um dos homens agarrou um pedaço da diminuta saia diáfana.

Depois de dar um tapa na mão dele com um sorriso provocante nos lábios, ela se inclinou para trás, fazendo uma curva sensual com o corpo. Os cachos grossos e loiros dos cabelos se derramaram sobre as moedas e fichas esquecidas.

— Quem quer me ganhar hoje à noite? — Sua voz era grave e sensual enquanto ela deslizava as mãos pela cintura do espartilho cheio de babados. — Garanto que vou durar mais do que qualquer pote de ouro, rapazes.

— E se der empate? — perguntou um dos homens, cujo corte elegante do casaco sugeria que ele devia ser um comerciante bem-sucedido ou algum tipo de empresário.

— Então a noite será muito mais divertida para mim — respondeu ela, deslizando a mão sobre o ventre e descendo ainda mais até chegar no meio das suas...

Com as bochechas em chamas, rapidamente desviei o olhar enquanto tomava um gole do champanhe borbulhante. Meu olhar encontrou o seu caminho até o brilho deslumbrante de um candelabro de bronze. O Pérola Vermelha devia dar dinheiro, e os seus proprietários deviam ser muito bem relacionados. A eletricidade era cara e controlada pela Corte Real. Fiquei imaginando quem fazia parte da clientela para um luxo como aquele estar disponível.

Sob o candelabro, havia outro jogo de cartas em andamento. Havia mulheres ali também, com os cabelos trançados em penteados elaborados no alto da cabeça e enfeitados com cristais, e as roupas muito menos ousadas do que as das mulheres que trabalhavam ali. Seus vestidos eram de tons vibrantes de roxo e amarelo e matizes pastel de azul e lilás.

Eu só podia usar branco, não importava se estivesse no meu quarto ou em público, o que não acontecia com muita frequência. Sendo assim, eu estava fascinada com a maneira com que as diferentes cores favoreciam a pele e os cabelos das mulheres. Fiquei imaginando que, na maior parte do tempo, eu devia parecer um fantasma, perambulando pelos corredores do Castelo Teerman vestida de branco.

Aquelas mulheres também usavam máscaras de dominó que cobriam metade do rosto, protegendo a sua identidade. Fiquei me perguntando quem eram. Esposas audaciosas que foram deixadas sozinhas em casa vezes de mais? Jovens que não tinham se casado ou que talvez fossem viúvas? Empregadas ou mulheres que trabalhavam na cidade, aproveitando a noite? Será que havia damas e cavalheiros de companhia entre as mulheres mascaradas sentadas à mesa ou entre a multidão? Será que aquelas pessoas foram até ali pelo mesmo motivo que eu?

Tédio? Curiosidade?

Solidão?

Se for esse o caso, nós somos mais parecidas do que eu tinha pensado, muito embora fossem segundas filhas e filhos, entregues à Corte Real no seu décimo terceiro aniversário durante o Ritual anual. E eu... eu era Penellaphe, do Castelo Teerman, Herdeira dos Balfour e favorita da Rainha.

Eu era a Donzela.

A Escolhida.

E dali a menos de um ano, no meu décimo nono aniversário, eu irei Ascender, assim como todas as damas e cavalheiros de companhia. Nossas Ascensões serão diferentes, mas será a maior delas desde a primeira Bênção dos Deuses que aconteceu após o fim da Guerra dos Dois Reis.

Quase nada aconteceria com elas caso fossem pegas ali, mas eu... eu enfrentaria o descontentamento do Duque. Meus lábios se estreitaram conforme um grão de fúria fincou raízes, se fundindo com um resíduo incômodo de repulsa e vergonha.

O Duque era uma praga de mãos excessivamente saidinhas e tinha uma sede anormal por castigos.

Mas eu também me recusava a pensar nele. Ou a me preocupar em ser disciplinada. Seria melhor voltar logo para o meu quarto se fosse ficar me agonizando com isso.

Ao desviar os olhos da mesa, me dei conta de que havia mulheres sorridentes e risonhas no Pérola que não usavam máscaras nem ocultavam a identidade. Estavam sentadas junto de guardas e comerciantes, ou de pé em alcovas sombrias enquanto conversavam com mulheres mascaradas, com homens e com os trabalhadores do Pérola Vermelha. Não tinham vergonha nem medo de serem vistas.

Fosse lá quem fossem, elas possuíam a liberdade que eu cobiçava profundamente.

Uma independência que eu buscava naquela noite, já que, mascarada e desconhecida, ninguém além dos Deuses saberia que eu estava ali. E, quanto aos Deuses, eu havia decidido que eles tinham mais o que fazer do que perder tempo me vigiando. Afinal de contas, se eles estivessem prestando atenção, teriam me repreendido por inúmeras coisas que eu já havia feito e que me eram proibidas.

Sendo assim, eu poderia ser *qualquer pessoa* esta noite.

A liberdade que havia nisso era uma sensação muito mais inebriante do que eu tinha imaginado. Mais até do que a sensação que as sementes verdes de papoula proporcionavam àqueles que as fumavam.

Hoje à noite, eu não sou a Donzela. Não sou Penellaphe. Sou apenas Poppy, um apelido que lembro que minha mãe usava, algo que apenas meu irmão Ian e poucas pessoas me chamavam.

Como Poppy, não havia regras estritas a seguir nem expectativas a cumprir, nenhuma futura Ascensão que estava chegando mais rápido do que eu estava preparada. Não havia medo, nem passado nem futuro. Naquela noite, eu poderia viver um pouco, mesmo que

por algumas poucas horas, e acumular o máximo de experiências antes de voltar para a capital, para a Rainha.

Antes que eu fosse entregue aos Deuses.

Um arrepio desceu de mansinho pela minha espinha — incerteza, junto com uma pontada de aflição. Eu abafei a sensação, me recusando a dar asas àquilo. De nada adiantava ficar ruminando sobre o que estava por vir e não podia ser mudado.

Além disso, Ian tinha Ascendido havia dois anos e, a julgar pelas cartas que eu recebia todo mês, ele ainda era o mesmo. A única diferença é que, em vez de contar as histórias com sua própria voz, ele o fazia por meio das palavras em cada carta. No mês passado, ele escreveu a respeito de duas crianças, um irmão e uma irmã, que nadaram até o fundo do mar de Stroud e fizeram amizade com o povo da água.

Abri um sorriso enquanto erguia a taça de champanhe, sem fazer ideia de onde ele tirava aquelas coisas. Até onde eu sabia, nadar até o fundo do Mar de Stroud era impossível e não existia povo da água.

Logo depois da Ascensão, sob as ordens da Rainha e do Rei, ele havia se casado com Lady Claudeya.

Ian nunca falava a respeito da esposa.

Será que ele era feliz no casamento? A curva dos meus lábios murchou conforme eu baixava os olhos para a bebida rosada e borbulhante. Eu não sabia ao certo, mas eles mal se conheciam antes de se casarem. Como isso poderia ser o bastante para passar o resto da vida com alguém?

E os Ascendidos tinham uma vida muitíssimo longa.

Ainda me era estranho pensar em Ian como um dos Ascendidos. Ele não era um segundo filho, mas, já que eu era a Donzela, a Rainha pediu aos Deuses por uma rara exceção à ordem natural e eles permitiram que ele Ascendesse. Eu não teria de encarar a mesma coisa que Ian, um casamento com um estranho, com outro Ascendido, que certamente devia cobiçar a beleza acima de tudo, pois a atratividade era vista como algo divino.

E muito embora eu fosse a Donzela, a Escolhida, nunca seria vista como divina. De acordo com o Duque, eu não era bela.

Eu era uma *tragédia*.

Sem perceber, meus dedos roçaram a renda áspera no lado esquerdo da máscara. Afastei a mão dali.

Um homem que reconheci como guarda se levantou de uma mesa e se virou para uma mulher que usava uma máscara branca, como a minha. Ele estendeu a mão para ela enquanto pronunciava algumas palavras baixo demais para que eu pudesse ouvir, mas ela respondeu com um aceno de cabeça e um sorriso antes de colocar a mão sobre a dele. Ela se levantou e as saias do seu vestido lilás se derramaram como um líquido ao redor das pernas conforme ele a conduzia por entre o salão na direção das duas únicas portas acessíveis aos convidados, uma de cada lado dos aposentos contíguos. A da direita levava à saída. A da esquerda, ao andar de cima, para quartos privativos onde Britta dissera que todo tipo de coisa acontecia.

O guarda levou a mulher mascarada para a esquerda.

Ele tinha pedido. Ela tinha dito que sim. Seja lá o que eles fossem fazer lá em cima, seria algo apreciado e escolhido por ambos, não importava se durasse algumas horas ou a vida toda.

Mantive a atenção fixa na porta por muito tempo após ela ter se fechado. Será que aquele era outro motivo de eu ter vindo aqui esta noite? Para... para vivenciar o prazer com alguém que eu escolhesse?

Eu poderia fazer isso se quisesse. Já tinha ouvido as conversas das damas de companhia, que não precisavam se manter intocadas. De acordo com elas, havia... muitas coisas que uma mulher poderia fazer capaz de trazer prazer ao mesmo tempo em que conservava a sua pureza.

*Pureza?*

Eu detestava aquela palavra, o significado por trás dela. Como se a minha virgindade determinasse a minha bondade, a minha inocência, como se sua presença ou ausência fossem, de algum modo, mais importantes do que as centenas de escolhas que eu fazia todos os dias.

Havia até uma parte de mim que se perguntava o que os Deuses fariam se eu fosse entregue a eles já não sendo mais uma “donzela de verdade”. Será que eles desconsiderariam tudo o que eu fiz e deixei de fazer só porque não era mais virgem?

Eu não sabia ao certo, mas esperava que não. Não porque planejava fazer sexo agora ou na semana que vem ou... algum dia, mas porque eu queria poder ser capaz de fazer essa escolha.

Muito embora eu não soubesse como me encontraria em uma situação onde essa opção surgisse. Mas imagino que haveria participantes dispostos a fazer as coisas que eu ouvi as damas de companhia falarem a respeito do Pérola Vermelha.

Uma agitação nervosa retumbou no meu peito enquanto eu me forçava a tomar outro gole de champanhe. As borbulhas doces faziam cócegas na minha garganta, aliviando um pouco da secura na boca.

Para dizer a verdade, esta saída tinha sido uma decisão de última hora. Na maioria das noites, eu não conseguia dormir antes que estivesse quase amanhecendo. E, quando dormia, eu quase desejava que não tivesse caído no sono. Só naquela semana, acordei de um pesadelo três vezes, com meus próprios gritos ecoando nos ouvidos. Quando vinham assim, em grupos, pareciam até um presságio. Um instinto muito parecido com a habilidade de pressentir a dor, berrando um sinal de alerta.

Respirando fundo, voltei o olhar para a cena de antes. A mulher de vermelho não estava mais sobre a mesa. Em vez disso, ela estava sentada no colo do comerciante que havia perguntado o que aconteceria caso dois homens vencessem. Ele estava examinando as cartas, com a mão no lugar onde a dela estava mais cedo, mergulhada profundamente entre as suas coxas.

Meus Deuses.

Mordendo os lábios, me afastei dali antes que o meu rosto inteiro pegasse fogo. Fui para um espaço separado por uma meia-parede, onde outra rodada de jogos era disputada.

Havia mais guardas ali, alguns que eu até reconheci como pertencentes à Guarda Real, soldados como aqueles que trabalhavam na Colina, mas que protegiam os Ascendidos. Era por isso que os Ascendidos também tinham guardas pessoais. Algumas pessoas já haviam tentado sequestrar membros da Corte em troca de resgate. Normalmente, ninguém se machucava gravemente naquelas situações, mas houve outras tentativas que surgiram de razões muito diferentes e mais violentas.

Parada perto de um vaso de plantas frondosas que exibiam pequenos botões vermelhos, eu não sabia muito bem o que fazer. Podia participar de outro jogo de cartas ou iniciar uma conversa com qualquer uma das pessoas que perambulavam em volta das mesas, mas eu não era tão boa assim em ficar de conversa fiada com estranhos. Não tinha a menor dúvida de que eu deixaria escapar algo bizarro ou faria uma pergunta aleatória que não faria muito sentido para a conversa, de modo que aquilo estava fora de cogitação. Talvez devesse voltar para os meus aposentos. Já devia estar ficando tarde e...

Uma estranha percepção tomou conta de mim, começando como uma sensação de formigamento na nuca e se intensificando mais a cada segundo.

Parecia que... eu estava sendo observada.

Examinando o salão, não vi ninguém prestando atenção particular em mim, mas esperava encontrar alguém por perto. A sensação era realmente intensa. O desconforto brotou na boca do meu estômago. Já ia me virando para a entrada quando as notas suaves e prolongadas de algum tipo de instrumento de corda chamaram a minha atenção para a esquerda, e o meu olhar pousou nas cortinas transparentes vermelho-sangue que balançavam com o movimento das pessoas no estabelecimento.

Fiquei paralisada, ouvindo a cadência do ritmo que logo foi acompanhada pelo som pesado de um tambor. Eu me esqueci de como era a sensação de estar sendo observada. Eu me esqueci de muitas coisas. Aquela música... não se parecia com nada que eu já tivesse ouvido antes. Era mais profunda, mais densa. Diminuindo a velocidade e em seguida acelerando. Era... sensual. O que foi mesmo que Britta, a empregada, tinha dito sobre o tipo de dança que acontecia no Pérola Vermelha? Ela abaixara a voz quando falou sobre aquilo, e a outra empregada com quem Britta estava conversando pareceu ficar escandalizada.

Abri caminho pelos cantos do salão e me aproximei das cortinas, estendendo a mão para separá-las.

— Acho que você não gostaria de entrar ali.

Sobressaltada, me virei ao ouvir aquela voz. Havia uma mulher atrás de mim — uma das damas que trabalhavam no Pérola

Vermelha. Eu a reconheci. Não porque ela estava de braços dados com um comerciante ou empresário assim que eu entrei, mas porque ela era incrivelmente bonita.

Seus cabelos densamente cacheados eram de um preto intenso e a sua pele negra tinha uma bela tonalidade. Ela usava um vestido vermelho sem mangas, com um decote profundo e feito de um tecido que colava-se ao seu corpo como se fosse líquido.

— Como? — perguntei, sem saber mais o que dizer conforme abaixava a mão. — Por que não? Eles estão apenas dançando.

— Apenas dançando? — Ela olhou para a cortina por cima do meu ombro. — Algumas pessoas dizem que dançar é como fazer amor.

— Eu... eu nunca tinha ouvido falar nisso. — Lentamente, olhei para trás. Pelas cortinas, eu podia distinguir as silhuetas dos corpos oscilando no ritmo da música, os movimentos cheios de uma graça hipnotizante e fluida. Alguns dançavam sozinhos, com suas curvas e formas nitidamente delineadas, enquanto outros...

Arfei e voltei o olhar para a mulher diante de mim.

Ela repuxou os lábios pintados de vermelho em um sorriso.

— É a primeira vez que você vem aqui, não é?

Abri a boca para negar, mas pude sentir o calor se espalhando por todas as partes visíveis do meu rosto. Aquilo por si só já dizia tudo o que era preciso saber.

— É tão óbvio assim?

Ela riu e o som era gutural.

— Não para a maioria das pessoas. Mas, para mim, sim. Eu nunca a vi aqui antes.

— Como você saberia se tivesse me visto antes? — Toquei na minha máscara só para ter certeza de que ela não havia escorregado.

— A máscara está no lugar. — Havia um estranho brilho de cumplicidade nos olhos dela, que eram uma mistura de dourado e castanho. Não exatamente cor de avelã. O dourado era brilhante e quente demais para isso. Eles me lembravam de outra pessoa que tinha os olhos da cor de um citrino. — Sei reconhecer um rosto, mesmo que meio escondido, e nunca vi o seu aqui antes. É a sua primeira vez.

Sinceramente, eu não tinha a menor ideia de como responder àquilo.

— E também é a primeira vez do Pérola Vermelha. — Ela se aproximou de mim e abaixou o tom. — Já que nunca havíamos recebido a Donzela em nosso estabelecimento.

Uma onda de choque percorreu o meu corpo enquanto eu segurava com força a taça de champanhe escorregadia.

— Não sei o que você quer dizer. Eu sou uma segunda filha...

— Você se *parece* com uma segunda filha, mas não da maneira que pretendia — interrompeu ela, tocando levemente no meu braço coberto pela capa. — Está tudo bem. Não há nada a temer. O seu segredo está a salvo comigo.

Olhei para ela pelo que me pareceu um minuto inteiro antes de conseguir recuperar a capacidade de falar.

— Se isso fosse verdade, por que um segredo desses estaria a salvo?

— Por que não estaria? — retrucou ela. — O que eu teria a ganhar contando a alguém?

— Você ganharia o favor do Duque e da Duquesa. — Meu coração martelou dentro do peito.

O sorriso da mulher sumiu do rosto ao mesmo tempo que o seu olhar se endurecia.

— Eu não preciso dos favores de um Ascendido.

A maneira como ela disse aquilo foi como se eu tivesse sugerido que ela quisesse angariar favores de um monte de lama. Quase acreditei nela, mas ninguém que vivesse no reino perderia a oportunidade de ganhar a estima de um Ascendido, a menos que...

A menos que não reconhecesse a Rainha Ileana e o Rei Jalara como os legítimos soberanos. A menos que apoiasse aquele que se chamava Príncipe Casteel como o verdadeiro herdeiro do trono.

Mas ele não era nem príncipe nem herdeiro. Ele não passava de um remanescente de Atlântia, o reino corrupto e depravado que sucumbiu no fim da Guerra dos Dois Reis. Um monstro que provocou o caos e causou derramamento de sangue, a personificação do próprio mal.

Ele era o Senhor das Trevas.

E, ainda assim, havia pessoas que apoiavam a ele e à sua reivindicação. Descendidos que tinham participado de motins e do desaparecimento de muitos Ascendidos. No passado, os Descendidos criavam tumulto por meio de pequenos comícios e protestos, e, mesmo assim, aqueles eventos eram raros e bastante espaçados devido à punição aplicada aos suspeitos de serem Descendidos. Os julgamentos não podiam sequer ter esse nome. Não havia segundas chances. Nem prisão perpétua. A morte era rápida e brutal.

Mas as coisas haviam mudado nos últimos tempos.

Muitos acreditavam que os Descendidos eram os responsáveis pelas mortes misteriosas de Guardas Reais do alto escalão. Vários guardas na Carsodônia, a capital, tinham despencado inexplicavelmente da Colina. Dois deles foram mortos por flechas na parte de trás da cabeça em Pensdurth, uma pequena cidade na costa do Mar de Stroud, próximo à capital. Outros simplesmente desapareceram enquanto passavam pelos vilarejos e nunca mais foram vistos.

Alguns meses atrás, uma revolta violenta terminou em derramamento de sangue em Três Rios, uma fervilhante cidade comercial localizada logo depois da Floresta Sangrenta. A Mansão Brasão de Ouro, a Sede Real em Três Rios, foi queimada e destruída, junto com os Templos. O Duque Everton morreu no incêndio, assim como muitos empregados e guardas. Foi apenas por um milagre que a Duquesa de Três Rios escapou.

Os Descendidos não eram somente os Atlantes ocultos entre o povo de Solis. Alguns dos seguidores do Senhor das Trevas não tinham sequer uma gota de sangue Atlante nas veias.

Estreitei o olhar e me concentrei na bela mulher. Será que ela era uma Descendida? Eu não conseguia entender como alguém podia apoiar o reino deposto, não importa o quanto a sua vida fosse difícil ou o quanto fosse infeliz. Não quando os Atlantes e o Senhor das Trevas eram os responsáveis pela névoa, pelo que apodrecia dentro dela. Pelo que muito provavelmente tinha acabado com a vida de Finley — e tirado inúmeras outras vidas, incluindo a dos meus pais, e deixado o meu corpo coberto de lembretes do terror que vicejava na névoa.

Afastando as minhas suspeitas por um momento, aguicei os sentidos para descobrir se havia algum sofrimento profundo dentro dela, algo que ia além do físico e decorria do pesar ou da amargura. O tipo de dor que leva as pessoas a fazerem coisas terríveis para tentar aliviar a angústia.

Não havia sinal de nada disso emanando dela.

Mas não significava que ela não fosse uma Descendida.

A mulher inclinou a cabeça.

— Como disse antes, você não tem nada com que se preocupar a meu respeito. Agora, com ele já é outra história.

— Ele? — repeti.

Ela se moveu para o lado quando a porta principal se abriu e uma súbita rajada de ar frio anunciou a chegada de mais clientes. Um homem entrou e logo atrás dele havia um cavalheiro mais velho, com cabelos loiros da cor da areia e um rosto fustigado e bronzeado pelo sol.

Arregalei os olhos conforme a descrença tomava conta de mim. Era Vikter Wardwell. O que ele estava fazendo no Pérola Vermelha?

Uma imagem das mulheres de vestidos curtos e seios parcialmente expostos me veio à mente, e pensei sobre o motivo de eu estar ali. Meus olhos se arregalaram.

Ah, Deuses.

Não queria mais pensar no motivo da sua visita. Vikter era um membro experiente da Guarda Real, um homem de quarenta anos de idade, mas ele era mais do que isso para mim. A adaga presa à minha coxa tinha sido um presente dele, e foi ele quem quebrou o costume e garantiu que eu não apenas soubesse usá-la, mas também aprendesse a manejar uma espada, a acertar um alvo invisível com uma flecha e, mesmo quando desarmada, a derrubar um homem com o dobro do meu tamanho.

Vikter era como um pai para mim.

Ele também era o meu guarda pessoal e tinha sido assim desde que cheguei à Masadônia. Mas não era o meu único guarda. Compartilhava os deveres com Rylan Keal, que tinha substituído Hannes depois que o último morreu dormindo havia pouco menos de um ano. Foi uma perda inesperada, já que Hannes tinha um pouco mais de trinta anos e estava em excelente estado de saúde.

Os Curandeiros acreditavam que fosse alguma doença cardiovascular desconhecida. Ainda assim, era difícil imaginar como alguém poderia dormir com saúde e nunca mais acordar.

Rylan não sabia que eu era tão bem treinada assim, mas sabia que eu conseguia manejar uma adaga. Ele não sabia para onde eu e Vikter íamos quando saíamos do castelo com tanta frequência. Era gentil e muitas vezes descontraído, mas nós não éramos nem de longe tão próximos quanto eu e Vikter. Se fosse Rylan quem estivesse ali, eu poderia facilmente ter escapado da sua atenção.

— Droga — praguejei, virando para o lado enquanto puxava o capuz da capa por sobre a cabeça. Meus cabelos eram de um tom bastante perceptível de cobre queimado, mas, mesmo com eles agora escondidos e com todo o meu rosto oculto, Vikter me reconheceria.

Ele tinha aquele sexto sentido que só os pais possuíam e que surgia sempre que o filho tramava alguma coisa.

Ao olhar para a entrada, senti um nó no estômago quando o vi sentado em uma das mesas de frente para a porta — a única saída.

Os Deuses me odiavam.

Eles me odiavam de verdade, pois eu não tinha a menor dúvida de que Vikter me veria. Ele não iria me denunciar, mas eu preferia me enfiar em um buraco cheio de baratas e aranhas a tentar explicar a ele, dentre todas as pessoas, o que eu estava fazendo no Pérola Vermelha. E haveria um belo sermão. Não os discursos e punições que o Duque adorava proferir, mas do tipo que penetrava no fundo da sua alma e fazia com que você se sentisse péssima por dias a fio.

Ainda mais após ter sido pega fazendo algo pelo qual merecia ser repreendida.

E, francamente, eu não queria ver a cara de Vikter quando ele descobrisse que percebi sua presença ali. Dei outra espiada e...

Ah, Deuses, uma mulher se ajoelhou ao lado dele e pousou a mão na sua perna!

Tive que esfregar os olhos.

— Aquela é Sariah — explicou a mulher. — Assim que Vikter chega, ela vai para junto dele. Acho que tem uma queda por ele.

Lentamente, olhei para a mulher ao meu lado.

— Ele vem sempre aqui?

Ela repuxou o canto da boca.

— O bastante para saber o que acontece atrás da cortina vermelha e...

— Chega — eu a interrompi. Agora eu tinha que esfregar o meu cérebro até esquecer. — Não preciso ouvir mais nada.

Ela deu uma risada suave.

— Parece que você precisa de um esconderijo. E, sim, aqui no Pérola Vermelha é muito fácil identificar essa necessidade. — Ela habilmente pegou a minha taça de champanhe. — No andar de cima, há quartos desocupados no momento. Abra a sexta porta à esquerda. Vai encontrar abrigo ali. Eu irei buscá-la assim que for seguro.

A suspeita aumentou quando encontrei seu olhar, mas deixei que a mulher pegasse o meu braço e me levasse para a esquerda.

— Por que você está me ajudando?

Ela abriu a porta.

— Porque todo mundo devia poder viver um pouco, mesmo que só por algumas horas.

Fiquei boquiaberta quando ela repetiu o que eu estava pensando alguns minutos atrás. Atordoada, continuei parada ali.

Depois de me dar uma piscadela, ela fechou a porta.

Não podia ser uma coincidência que ela tivesse descoberto quem eu era. Repetir para mim o que eu estava pensando antes? Era impossível. Uma risada rouca escapou dos meus lábios. A mulher poderia ser uma Descendida ou, no mínimo, não ser muito fã dos Ascendidos. Mas também poderia ser uma Vidente.

Eu achava que não havia restado nenhum deles.

E *ainda* não conseguia acreditar que Vikter estava ali — que ele frequentava aquele estabelecimento o bastante para que uma das mulheres de vermelho gostasse dele. Não sabia muito bem por que estava tão surpresa. Não era como se a Guarda Real fosse proibida de buscar prazer ou até mesmo de se casar. Muitos deles eram bastante... promíscuos, já que as suas vidas eram repletas de perigos e por vezes curtas demais. A questão era que Vikter tivera uma esposa que faleceu muito antes que eu o conhecesse,

morrendo no parto junto com o bebê. Ele ainda amava a sua Camilia como quando ela era viva.

Mas o que podia ser encontrado ali não tinha nada a ver com amor, não é? E todo mundo se sentia solitário às vezes, não importava se o seu coração pertencesse a alguém que não poderia mais ter.

Um pouco triste com isso, me virei na escada estreita e iluminada por arandelas a óleo na parede. Soltei o ar com força.

— No que eu me meti?

Só os Deuses sabiam, e agora não havia como voltar atrás.

Enfiei a mão dentro da capa, mantendo-a ao alcance da adaga enquanto subia os degraus até o segundo andar. O corredor era mais amplo e surpreendentemente silencioso. Eu não sabia o que esperava encontrar, mas pensei que ouviria... sons.

Balançando a cabeça, contei até alcançar a sexta porta à esquerda. Experimentei a maçaneta e descobri que estava destrancada. Comecei a abrir a porta, mas parei. O que eu estava fazendo? Qualquer pessoa ou coisa poderia estar à espera atrás daquela porta. Aquela mulher lá embaixo...

O som de uma risada masculina preencheu o corredor quando a porta ao meu lado se abriu. Em pânico, recuei rapidamente para o quarto à minha frente, fechando a porta atrás de mim.

Com o coração descompassado, olhei em volta. Não havia lâmpadas, apenas um candelabro sobre a cornija e um divã diante de uma lareira vazia. Mesmo sem olhar para trás, eu sabia que a outra peça de mobiliário só podia ser uma cama. Respirei fundo, sentindo o cheiro das velas. Canela? Mas havia algo mais, algo que me lembrava especiarias e pinho. Comecei a me virar...

Um braço me envolveu pela cintura, me puxando contra um corpo muito rígido e masculino.

— Isso — sussurrou uma voz grave — é inesperado.

## Capítulo 2

Pega de surpresa, olhei para cima, um erro que Vikter me ensinou a nunca cometer. Eu deveria ter desembainhado a minha adaga, mas, em vez disso, fiquei ali parada enquanto aquele braço apertava minha cintura, com a mão pousada no meu quadril.

— Mas é uma surpresa bem-vinda — continuou ele, afastando o braço.

Saindo do meu estupor, eu me virei para encará-lo, mantendo o capuz da capa no lugar enquanto minha mão tateava a adaga. Ergui o olhar... e, em seguida, um pouco mais.

Ah, meus Deuses.

Congelei. O choque absoluto percorreu o meu corpo e acabou com todo o meu bom senso assim que vi o rosto dele sob o brilho suave da luz das velas.

Eu sabia quem ele era, muito embora nunca tivesse falado com ele antes.

Hawke Flynn.

Todo mundo no Castelo Teerman ficou sabendo quando o Guarda da Colina chegou da capital, Carsodônia, alguns meses atrás. Até eu.

Gostaria de mentir para mim mesma e dizer que era por sua altura impressionante, pois o homem era quase trinta centímetros mais alto que eu. Ou porque ele se movia com a mesma graça e fluidez predatória inerente aos grandes felinos cinzentos das cavernas, que normalmente vagavam pelas Terras Devastadas, mas que eu tinha visto uma vez no palácio da Rainha quando era criança. O temido animal selvagem havia sido enjaulado, e a

maneira como ele andava sem parar de um lado para o outro do pequeno recinto me fascinava e horrorizava igualmente. Eu já tinha visto Hawke andando da mesma maneira em mais de uma ocasião, como se ele também estivesse enjaulado. Podia ser por causa do senso de autoridade que parecia emanar dos seus poros, embora ele não pudesse ser muito mais velho que eu — talvez da mesma idade do meu irmão ou um ou dois anos mais velho. Ou talvez fosse por causa de sua habilidade com a espada. Certa manhã, quando eu estava ao lado da Duquesa em uma das muitas varandas do Castelo Teerman, com vista para o pátio de treinamento lá embaixo, ela me disse que Hawke tinha vindo da capital com recomendações entusiasmadas e estava prestes a se tornar um dos Guardas Reais mais jovens. Seu olhar estava fixo nos braços suados dele.

Assim como o meu.

Desde a sua chegada, eu me escondi nas alcovas sombrias várias vezes, observando enquanto ele treinava com os outros guardas. A não ser pelas sessões semanais do Conselho da Cidade, realizadas no Salão Principal, eram as únicas vezes em que eu o via.

O meu interesse podia muito bem ser porque Hawke era... bem, ele era belo.

Não era sempre que se podia dizer isso a respeito de um homem, mas eu não conseguia pensar em uma palavra melhor para descrevê-lo. Ele tinha cabelos escuros e espessos, que ondulavam na nuca e frequentemente caíam para a frente, roçando as sobrancelhas igualmente escuras. As superfícies e os ângulos do seu rosto me faziam ansiar por ter algum talento com o pincel ou a caneta. As maçãs do rosto eram proeminentes, e o nariz surpreendentemente alinhado para um guarda. Muitos deles tinham quebrado o nariz pelo menos uma vez. O maxilar quadrado era firme, e a boca, bem-feita. Nas poucas vezes em que eu o vi sorrir, percebi que o lado direito dos seus lábios se curvava para cima e uma covinha profunda aparecia. Não sabia se ele tinha uma covinha igual na bochecha esquerda. Mas os olhos eram, de longe, o seu traço mais cativante.

Eles me lembravam o mel fresco, uma cor marcante que eu nunca tinha visto antes. E ele tinha um jeito de olhar que fazia você

se sentir nua. Sabia disso porque senti seus olhos em mim durante os Conselhos realizados no Salão Principal, muito embora ele nunca tivesse visto meu rosto ou meus olhos antes. Eu tinha certeza de que a atenção dele se devia ao fato de eu ser a primeira Donzela em séculos. As pessoas sempre reparavam em mim quando eu estava em público, não importava se fossem guardas, cavalheiros e damas de companhia ou plebeus.

Seu olhar também podia ser somente fruto da minha imaginação, impulsionado pelo meu desejo oculto de que ele estivesse tão curioso a meu respeito quanto eu estava sobre ele.

Pode ser que ele tenha despertado a minha atenção por todas essas razões, mas havia outro motivo que me deixava até um pouco envergonhada de admitir.

Eu propositalmente aguicei meus sentidos assim que o vi. Sabia que era errado fazer aquilo quando não havia um bom motivo, algo que justificasse a invasão. E eu não tinha nenhuma desculpa além de ficar imaginando o motivo que o fazia andar de um lado para o outro como um felino da caverna enjaulado.

Hawke estava *sempre* sofrendo.

Não era uma dor física, era mais profundo do que isso. Assemelhava-se a lascas de gelo contra a minha pele. Era pronunciado e parecia infundável. Mas a angústia parecia segui-lo como uma sombra que nunca o dominava. Se eu não tivesse insistido, nunca a teria sentido. De alguma forma, ele mantinha aquele tipo de dor sob controle, e eu não conhecia mais ninguém que fosse capaz de fazer isso.

Nem mesmo os Ascendidos.

Isso porque nunca senti *nada* vindo deles, embora soubesse que sentiam dor física. O fato de nunca ter que me preocupar em captar alguma dor residual devia me fazer procurar sua existência, mas, em vez disso, aquilo me dava arrepios.

— Eu não esperava que você viesse hoje à noite — disse Hawke. Ele estava me lançando um sorrisinho, aquele que não mostrava os dentes e fazia a covinha na bochecha direita aparecer, mas que nunca alcançava os seus olhos. — Faz apenas alguns dias, queridinha.

Queridinha?

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "De sangue e cinzas (Vol. 1)"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).